

Necessidades terminológicas dos intérpretes vs. as dos tradutores: análise de três produtos terminográficos multilíngues

Patrizia Cavallo

Submetido em 07 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 23 de fevereiro de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 47-65

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017
20:59:59

NECESSIDADES TERMINOLÓGICAS DOS INTÉRPRETES VS. AS DOS TRADUTORES: ANÁLISE DE TRÊS PRODUTOS TERMINOGRÁFICOS MULTILÍNGUES

INTERPRETERS' VS. TRANSLATORS' TERMINOLOGICAL NEEDS: ANALYSIS OF THREE MULTILINGUAL TERMINOGRAPHICAL WORKS

Patrizia Cavallo¹

RESUMO: O presente trabalho visa investigar, com base na literatura científica, as diferentes necessidades terminológicas de tradutores e intérpretes. Esses últimos deveriam realizar uma preparação terminológica acurada antes do evento em que irão interpretar, ao passo que os primeiros podem fazê-lo em etapas sucessivas ao recebimento do texto a traduzir. Após ter identificado as diferenças principais entre esses dois profissionais no que diz respeito à sua relação com a terminologia, o trabalho analisa, em um segundo momento, três produtos terminográficos multilíngues sobre meio ambiente. Em último lugar, com base na observação de sua macro- e microestrutura, esse estudo tenta avaliar se esses glossários poderiam se adaptar às necessidades terminológicas dos intérpretes.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; tradutores; intérpretes; glossários sobre meio ambiente.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the different terminological needs of translators and interpreters based on scientific literature. Interpreters should carry out an accurate terminological preparation before the event in which they will interpret, whilst translators can do it after receiving the text to be translated. First, the main differences between these two professionals regarding the use of terminology are identified; secondly, this paper analyzes three multilingual terminographical works on the environment. Lastly, observing the macro- and microstructure of the glossaries, this study seeks to assess whether any of them would be suitable for the interpreters' terminological needs.

KEYWORDS: terminology; translators; interpreters; glossaries on the environment.

RIASSUNTO: Questo articolo ha l'obiettivo di esaminare i diversi bisogni terminologici di traduttori e interpreti in base alla letteratura scientifica. Gli interpreti dovrebbero realizzare una preparazione terminologica accurata prima dell'evento in cui sono chiamati ad interpretare, mentre i traduttori possono farlo dopo aver ricevuto il testo da tradurre. Dopo aver identificato le principali differenze tra questi due professionisti per quanto riguarda l'uso della terminologia, il presente studio analizza, in un secondo momento, tre prodotti terminografici multilingue sull'ambiente. Infine, in base all'osservazione della loro macro- e microstruttura, questo studio intende valutare se questi glossari potrebbero adattarsi ai bisogni terminologici degli interpreti.

PAROLE-CHIAVE: terminologia; traduttori; interpreti; glossari sull'ambiente.

1. Introdução

¹ Doutoranda em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais – Universidade Federal do Rio Grande dos Sul. Mestre em Literatura Comparada (UFRGS) e em Interpretação (UNIBO, Itália). Tradutora e Intérprete de Conferências. E-mail: patriziacavallo.ita@gmail.com

No Brasil, a pesquisa sobre Interpretação² é relativamente recente. A primeira tese sobre tal assunto, intitulada “Estratégias Discursivas dos Intérpretes de Conferências”, foi defendida por Edson José Martins Lopes, em 1997, na UFMG (PAGURA, 2010, p. 14). Além disso, apenas vinte e um artigos sobre interpretação foram publicados ao longo dos últimos dez anos em cinco das principais revistas brasileiras de tradução (CAVALLO, REUILLARD, 2016, p. 364). Portanto, resulta de fundamental importância realizar trabalhos que visem a preencher essa lacuna acadêmica. Assim, o presente artigo estabelece uma relação entre a área da Terminologia³ e a da Interpretação, eis que possui por objetivo analisar as necessidades em termos de produtos terminográficos para os intérpretes, os quais, de fato, não poderiam realizar seu trabalho com alta qualidade se não estudassem, antes de um evento para o qual sejam chamados para atuarem, os termos da área de especialidade relacionada a tal evento.

Apesar de muito já ter sido publicado sobre a relação entre Tradução e Terminologia, no exterior e no Brasil, muito mais escassas – ou melhor, quase inexistentes – são as contribuições acadêmicas, no Brasil, que ressaltam a indissolúvel união entre Terminologia e Interpretação⁴. Diferentemente do panorama brasileiro, muito foi e está sendo dito sobre Terminologia e Interpretação no resto do mundo: desde as décadas de 80 e 90, com Gile (1985; 1986; 1987) e Moser-Mercer (1992), até os dias de hoje, com Kurz (2001), Valentini (2002), Rodríguez e Schnell (2009), Bertaccini e Veronesi (2010), Costa, Corpas Pastor e Durán Muñoz (2014), Bajo, Díaz-Galaz e Padilla (2015). O que é ressaltado nesses estudos, a ser retomado detalhadamente na seção seguinte, é a diferença entre o uso da terminologia por parte de tradutores e por parte de intérpretes, as necessidades das duas figuras profissionais sendo, por natureza, divergentes, já que os primeiros trabalham com a língua escrita e os segundos com a língua oral (tratando-se de apenas uma das diferenças entre as duas atividades).

Após esse preâmbulo, cabe ressaltar que o triplo objetivo deste trabalho é: a) apontar a maneira com a qual tradutores e intérpretes lidam com terminologia, a partir da literatura científica publicada sobre tal assunto e da experiência profissional pessoal; b) analisar três produtos terminográficos multilíngues, relativos à área do meio ambiente e realizados em três países diferentes (Brasil, Canadá e Bélgica), tendo como principais destinatários tradutores e profissionais que fazem uso, por várias razões, da linguagem especializada sobre o citado assunto e c) avaliar se esses glossários, concebidos para tradutores, poderiam adaptar-se às necessidades dos intérpretes. Além disso, é interessante observar, a partir desses produtos, quais teorias da Terminologia, em geral, embasam a produção de obras terminográficas que acarretariam mais benefícios para a atividade de preparação e estudo dos intérpretes. Reitera-se que o presente artigo se desenvolve como uma reflexão teórico-prática que foca na relação

² Qualquer referência à interpretação, neste trabalho, diz respeito a) à interpretação entre línguas orais e não envolvendo línguas de sinais e b) à interpretação de conferências, praticada por ocasiões de eventos acadêmicos e científicos, principalmente nas modalidades simultânea e consecutiva. Além disso, no caso de “Interpretação” com inicial maiúscula, a referência é para a área de estudos, enquanto que com inicial minúscula referimo-nos à interpretação enquanto atividade de tradução oral.

³ Ao usarmos esse termo com *T* maiúsculo referimo-nos ao campo de estudos, ao passo que com *t* minúsculo referimo-nos ao conjunto de termos, conforme apontam Krieger e Finatto (2004, p. 23).

⁴ Conforme é do nosso conhecimento, a Dissertação de Mestrado de Carla Cynira Lima Nejm (2011) é o único trabalho acadêmico, no Brasil, que aborda esse assunto com mais profundidade.

que tradutores e, sobretudo, intérpretes mantêm com a terminologia e os recursos terminográficos por eles utilizados antes e durante suas atividades.

2. Intérpretes vs. tradutores: diferentes necessidades terminológicas

Em 1987, o pesquisador, professor e intérprete Daniel Gile já afirmara que dois parâmetros distinguem as necessidades terminológicas dos intérpretes daquelas dos tradutores: “O registro do discurso oral, que é geralmente mais flexível em relação ao do texto escrito” e “a velocidade da transmissão das mensagens em uma conferência, que exige do intérprete uma grande velocidade de reação” (GILE, 1987, p. 164-165, trad. nossa)⁵. Também Barbara Moser-Mercer (1992, p. 509) refere-se ao fator temporal como um dos principais diferenciais entre os dois profissionais: ao passo que os tradutores podem consultar obras de referências e fontes variadas com mais calma, e voltar para elas se for preciso ao longo de seu trabalho, os intérpretes geralmente não podem fazê-lo durante sua atividade em cabine ou no palco perto do palestrante. Para descrever melhor a relação que os intérpretes e os tradutores mantêm com a terminologia, é oportuno relatar a citação abaixo:

[...] ao tradutor interessa um manejo terminológico competente, expresso pela adequada seleção, na língua de trabalho, dos termos equivalentes àqueles utilizados pelos especialistas na língua original. Por isso, esse profissional necessita conhecer, e também poder acessar, repertórios terminológicos utilizados nas comunicações especializadas em ambas as línguas. [...] Uma utilização adequada da terminologia contribui para o alcance da precisão semântico-conceitual, requisito que toda tradução de texto especializado obrigatoriamente requer (KRIEGER, FINATTO, 2004, p. 67).

Resulta evidente, portanto, que um ótimo manejo da terminologia específica das suas áreas de trabalho é uma *conditio sine qua non* para tradutores e intérpretes, uma vez que eles são chamados para atuarem com vistas a tornar possível a comunicação entre profissionais que não compartilham do mesmo sistema linguístico-cultural. A falta de precisão terminológica do intérprete pode prejudicar a credibilidade e a confiança percebida pelo cliente em relação ao serviço que lhe é fornecido, assim como afirma Alvisi (2008) em sua dissertação de Mestrado sobre a preparação terminológica do intérprete como fator de qualidade. Mas em que consiste exatamente a preparação terminológica do intérprete? Como esse profissional estuda e se prepara para um evento de interpretação? Em que diferem exatamente as abordagens à terminologia por parte dos tradutores e dos intérpretes? As duas subseções a seguir tentam responder a esses questionamentos.

2.1 Os tradutores e a terminologia

Entre as principais diferenças que distinguem o trabalho dos tradutores daquele dos intérpretes, é possível afirmar que os primeiros a) trabalham com a palavra escrita e

⁵ Do francês: “Le registre du discours oral, qui est généralement plus souple que celui du texte écrit” ; “La rapidité de la transmission des messages en conférence, qui exige de l’interprète une grande vitesse de réaction”.

não com a palavra oral, b) têm mais tempo à disposição para refletirem e escolherem seus equivalentes na língua de chegada (apesar dos prazos, às vezes, muito curtos) e c) trabalham em um contexto comunicativo que vai de um escritório ou agência de tradução às paredes domésticas, enquanto os segundos atuam sobretudo em auditórios de conferências, salas de reuniões, tribunais, hospitais, entre outros.

No caso dos tradutores, seu trabalho geralmente começa ao receberem um texto (literário, técnico-científico, publicitário, etc.) que precisa ser traduzido para a língua de chegada. Após ter recebido o texto, eles verificam que tipo de terminologia está nele contida para, sucessivamente, passarem a realizar suas pesquisas em dicionários terminológicos impressos ou *online*, em glossários já presentes em suas memórias de tradução ou em outros bancos de dados. O uso de dicionários eletrônicos e outras ferramentas *online* se torna a cada vez mais importante para os tradutores, uma vez que “a consulta manual a obras de referências impressas consome mais ou menos a metade do total do tempo empregado para completar uma tradução especializada” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 178). Essa capacidade de documentação e de uso das novas tecnologias é fundamental para um tradutor que, diferentemente de um especialista de uma área específica, não deve produzir textos especializados por si só, mas deve conhecer a terminologia empregada por tais profissionais para poder compreendê-los e traduzi-los. Pesquisas aprofundadas e um ótimo uso das fontes de documentação são, além de impecáveis competências linguísticas, elementos fundamentais que permitem ao profissional da tradução atuar como um confiável mediador interlinguístico⁶.

Portanto, pode-se afirmar que os tradutores usam recursos terminológicos *a posteriori*, no sentido de que eles não realizam, geralmente, este tipo de pesquisa e documentação antes de receberem um encargo, a não ser que saibam que receberão um texto a ser traduzido sobre um assunto específico e já queiram começar sua preparação. A pesquisadora espanhola Durán Muñoz (2012, p. 80) afirma que a competência de pesquisa (terminológica, por exemplo), por parte de tradutores, está presente ao longo de todo o processo tradutório: na fase de pré-tradução (isto é, após ter recebido o texto, mas antes de começar a atividade de tradução em si), durante a tradução e na fase de pós-tradução, durante a qual os tradutores revisam seu texto, controlando a terminologia empregada e outros aspectos específicos.

2.2 Os intérpretes e a terminologia

Conforme apontado acima, os tradutores lidam com terminologia sobretudo *a posteriori*, isso é, após ter recebido um texto, ao passo que os intérpretes trabalham principalmente com base na previsão e na antecipação do conjunto terminológico/léxico a ser utilizado pelo palestrante/cliente que irão interpretar. Moser-Mercer (1992, p. 508-509) afirma que o trabalho de um intérprete de conferências começa ao aceitar o encargo de interpretação. Isso pode acontecer vários meses, semanas ou dias antes do evento em questão, fornecendo ao intérprete algum tempo para realizar sua preparação com cuidado e profundidade. Como os textos escritos, também os congressos, as palestras e os outros eventos nos quais o intérprete atua podem ser especializados, e a

⁶ A subcompetência instrumental (que inclui o conhecimento e o uso de fontes de documentação, das novas tecnologias, entre outros) é prevista pelo modelo de competência tradutória elaborado pelo grupo PACTE (2005, p. 610).

compilação de glossários é extremamente importante. De fato, conforme afirma a pesquisadora e intérprete Carla Cynira Lima Nejm:

Os glossários são importantes para o intérprete visto que esse profissional trabalha em diferentes tipos de contextos, tais como, congressos, seminários, palestras, fóruns, reuniões, etc., onde os temas abordam grande conteúdo técnico, e, por não ser um especialista nessas áreas, o intérprete necessita estudar a terminologia específica para o trabalho contratado (NEJM, 2011, p. 15).

Geralmente, o intérprete começa sua preparação lendo os materiais fornecidos (nem sempre) pelos organizadores do evento, bem como estudando o *corpus* publicado do palestrante e treinando com eventuais vídeos disponíveis *online*. Este tipo de preparação pode envolver a criação de *corpora* – de forma manual e/ou (semi)automática – para extração de terminologia, a atualização e/ou criação de glossários bilíngues ou multilíngues *ad hoc*, contendo a terminologia recorrente da área, com a consequente busca de equivalentes em outras línguas de trabalho, co-ocorrentes e contextos definitórios, o possível uso de *CAT tools* como *Wordfast* e *Trados*, de ferramentas computacionais de análise de corpora como *AntConc* e *WordSmith*, bem como de outras ferramentas de gestão de terminologia como *InterpretBank* (para criação, armazenamento e gestão de glossários, auxílio na memorização antes da interpretação e modalidade facilitada de uso em cabine para pesquisa de termos).

Segundo Rodríguez e Schnell (2009), as ferramentas terminológicas destinadas a intérpretes se distinguiriam daquelas dos tradutores em cinco aspectos: 1) consulta rápida, 2) navegação intuitiva, 3) possibilidade de atualização da terminologia em cabine, 4) liberdade na definição da estrutura básica e 5) filtragem múltipla dos dados. É oportuno dizer, porém, que os intérpretes têm a tendência de usarem menos recursos tecnológicos do que os tradutores⁷, uma vez que as ferramentas disponíveis no mercado são, muitas vezes, carentes no que diz respeito às necessidades específicas dos intérpretes e que, por falta de tempo, é muito comum que esses profissionais realizem uma extração manual dos termos e usem glossários em Word ou Excel: trata-se de 91,3% dos casos segundo o levantamento realizado por Valentini (2002) com 130 intérpretes europeus.

Pelo que foi anteriormente observado, a preparação do intérprete é, portanto, um dos fatores impactantes no desempenho da atividade de interpretação, uma vez que não é possível estudar materiais em cabine ou no palco (é possível consultá-los se o intérprete estiver em cabine, mas essa prática é limitada a buscas pontuais de palavras e/ou resolução de dúvidas com um colega). Os colegas de cabine podem ser muito importantes para auxiliar o intérprete com siglas, números e/ou termos difíceis, mas em geral “ao ouvir algo que desconhece, o intérprete está sozinho com nada para consultar, a não ser a sua própria memória e mente” (VEISBERGS, 2006, p. 1221, trad. nossa)⁸. Tanto a interpretação simultânea quanto a consecutiva são atividades extremamente complexas do ponto de vista cognitivo⁹ para que os intérpretes possam ter tempo de consultar livremente dicionários e/ou outros materiais. Além disso, no caso da

⁷ Cf. VALENTINI (2002); BILGEN (2009), entre outros.

⁸ Do inglês: “when hearing something unknown the interpreter is alone and nothing to resort to but his own memory and mind”.

⁹ Para mais detalhes sobre a carga cognitiva em interpretação, consultar os trabalhos de GILE (1988, 2008, 2009), GRAN (1999), TIMAROVÁ (2008), SEEBER (2011), CAVALLO (2015), entre outros.

consecutiva, o intérprete está diante do público e ao lado do palestrante, impossibilitando ainda mais o uso de quaisquer outros recursos. O intérprete deve, então, estudar muito antes do evento, em casa ou no seu local de trabalho, porque sua preparação:

[...] é orientada para o futuro e carrega muita incerteza relativamente a quanto disso será útil. Pela experiência, pode ser afirmado que a percentual não é muito alta – geralmente 5-10% dos itens lexicais desconhecidos que surgem durante a conferência foram previstos (VEISBERGS, 2006, p. 1220, trad. nossa)¹⁰.

Segundo Rodríguez e Schnell (2009), a preparação do intérprete é de quatro tipos: temática, linguística, tradutória e de interpretação. O trabalho terminológico estaria presente ao longo de todas essas etapas, não se limitando apenas a uma. De fato, na etapa da preparação temática, o intérprete se familiariza com o assunto específico do evento, procurando materiais *online* e *offline* e começando a extrair os termos do âmbito em questão. Na fase de preparação linguística, o intérprete analisaria a documentação coletada para extrair termos, sinônimos e hiperônimos, siglas etc., para fins de criação de glossários monolíngues aos quais “se acrescentam os equivalentes nas línguas de chegada ao longo da preparação tradutória (RODRIGUEZ, SCHNELL, 2009, trad. nossa)¹¹. E ainda, durante a preparação de interpretação, o intérprete eliminaria as redundâncias encontradas nos textos (paráfrases, fórmulas repetidas, entre outras), destacaria verbos e palavras-chave e, conforme é a nossa experiência, se for iniciante na área, realizaria exercícios de interpretação, focando na modalidade específica (consecutiva ou simultânea) que utilizará no evento, treinando suas técnicas, a memória etc.

3. Análise de três produtos terminográficos multilíngues sobre meio ambiente

Para avaliar se glossários concebidos para tradutores e outros profissionais da comunicação poderiam ser adequados também para intérpretes, três glossários multilíngues foram escolhidos sobre a mesma temática, o meio ambiente, com o intuito de traçar mais facilmente paralelismos entre as obras e seus conteúdos. Os três produtos foram elaborados em países e contextos acadêmico-profissionais diferentes, e a escolha desse fator é proposital: o objetivo é analisar também as diferentes perspectivas teóricas dos estudos de Terminologia que estão refletidas neles e, sobretudo, entender se essas perspectivas poderiam se adaptar bem aos produtos que o intérprete utilizaria em sua fase de preparação terminológica. Supõe-se aqui um intérprete brasileiro que esteja se preparando para interpretar em um evento sobre meio ambiente e mudanças climáticas, em que ele trabalhará com o par de línguas português-inglês¹². Os glossários aqui analisados são, em ordem cronológica de publicação:

¹⁰ Do inglês: “it is future-oriented and carries a lot of uncertainty of how much of it is going to be useful. From experience it can be said that the hit ratio is not high – usually about 5-10% of unknown lexical items that come up in the conference have been predicted.”

¹¹ Do inglês: “to which are added equivalents in target languages during the translation preparation”.

¹² Apesar de ser uma das combinações linguísticas da autora deste trabalho, a escolha do par de línguas português-inglês é casual e não impactará o tipo de análise conduzido sobre os mencionados glossários.

1) *Glossário de Gestão Ambiental* (2006), doravante ‘GGA’, realizado por Krieger, Maciel, Bevilacqua, Finatto e Reuillard, professoras e participantes do projeto TERMISUL, criado no Instituto de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1991. O Glossário apresenta cerca de 550 termos em português e seus equivalentes na língua alemã, espanhola, francesa e inglesa.

2) *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas* (2010), doravante ‘LPMC’, realizado pela *Realiter* (Rede Panlatina de Terminologia) sob a coordenação do Departamento de Tradução do Governo do Canadá, com mais de 300 entradas acompanhadas por seus equivalentes, em cada uma das seguintes línguas: catalão, espanhol, francês, galego, italiano, português, romeno e inglês.

3) *Climate Change: Key Terms in 23 languages* (2011), doravante ‘CCKT’, produzido pelo Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia em colaboração com a Direção da Tradução, com cerca de 20 termos em inglês e seus equivalentes em 23 línguas.

Cada produto terminográfico será apresentado separadamente nas três subseções a seguir, juntamente com seus objetivos e propostas distintas. A título de exemplo, serão trazidos dois verbetes de cada obra, referentes aos termos ‘comércio de emissões’ e ‘implementação conjunta’, que um intérprete poderia consultar para fins de preparação a um eventual trabalho de interpretação sobre o assunto do meio ambiente. É importante especificar que o objetivo desta parte do artigo não é investigar como um intérprete chegaria a obter uma lista de termos em português representativos da área (isto é, como faria sua extração da terminologia – proposta de análise interessante para futuros trabalhos), mas comparar as obras do ponto de vista macro- e microestrutural para tentar estabelecer, com base na literatura sobre tal assunto, se algum deles poderia se adaptar para as necessidades de trabalho dos intérpretes e, se sim, qual teoria/produto seria mais adequado para esse profissional.

3.1 *Glossário de Gestão Ambiental* (GGA)

O *Glossário de Gestão Ambiental* (2006), realizado pelas professoras e pesquisadoras Krieger, Maciel, Bevilacqua, Finatto e Reuillard, é um dos frutos das pesquisas do TERMISUL, grupo responsável pelo Projeto Terminológico Cone Sul, criado no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a liderança da Profa. Dra. Maria da Graça Krieger (TERMISUL [2017?]). Ele apresenta cerca de 550 termos em português e seus equivalentes em alemão, espanhol, francês e inglês (GGA, 2006, p. 7). Esse Glossário, cujo intento é suprir a lacuna presente no Brasil que “ainda não dispõe de uma sistematização específica para os termos básicos da área e seus respectivos conceitos”, é dirigido para “gestores brasileiros e estrangeiros das organizações privadas e públicas, além de tradutores e de toda uma gama de profissionais que fazem uso da linguagem especializada da gestão do meio ambiente” (GGA, 2006, p. 7-8).

Apesar de muitos produtos terminográficos não declararem explicitamente a(s) teoria(s) terminológica(s) que orientaram a sua realização, geralmente é possível detectá-la(s), pois cada uma delas possui especificidades teóricas que se refletem na produção terminográfica. Essas perspectivas terminológicas, conforme bem resumido por Finatto (2014, p. 443-444), são: a TGT (Teoria Geral da Terminologia), a TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia), a TSCT (Teoria Sociocognitiva da Terminologia), a ST (Socioterminologia) e as PTT (Perspectivas Textuais ou

Textualistas da Terminologia). Obviamente, existem outras teorias/abordagens que derivaram das duas principais, aquela tradicional (ou normativa) e aquela descritiva, mas as cinco acima citadas são as mais difundidas e praticadas.

Com base nos passos seguidos para a criação do GGA, desde o critério de seleção dos termos até as fontes de coleta e os critérios de seleção de equivalentes nas línguas estrangeiras (termos definidos e não pelas normas ISO, termos presentes na legislação ambiental brasileira e outros termos coletados a partir de textos de referência na Web)¹³, bem como pela construção dos verbetes, cujos exemplos serão dados a seguir, é possível afirmar que esse produto é orientado pela perspectiva da TCT e pelas PTT. De fato, segundo a TCT, proposta por Cabré e tendo seu núcleo fundador na Espanha, o termo é considerado de forma poliédrica (segundo aspectos linguísticos, cognitivos e sociais), tem uma finalidade comunicativa e implica a variação conforme as situações comunicativas; além disso, o termo deve situar-se dentro da língua natural e faz parte da comunicação especializada (CABRÉ, 1997). O GGA parece respeitar essas condições, tratando a unidade terminológica com todo seu aspecto variacional, a partir de textos especializados e não fictícios. A esse propósito, foi afirmado anteriormente que o GGA parece ser orientado, também, pelas PTT. Essas últimas, em que a “inter-relação entre textos e termos é item fundamental” (FINATTO, 2014, p. 444), reconhecem a importância do texto enquanto lugar privilegiado pelo qual passa a comunicação especializada e, portanto, “vai da percepção do termo isolado ao termo integrado em um ambiente textual e vinculado a um todo de significação que é o texto” (FINATTO, 2004, p. 348). De fato, o GGA se baseia em um *corpus* de textos escritos de referência na área do meio ambiente, relatando nos verbetes, quando necessário, a eventual referência a um desses textos, como é o caso das normas ISO, além de procurar o apoio de especialistas do setor conforme explicitado na Apresentação do Glossário¹⁴.

Observem-se, agora, dois verbetes, relativos aos termos “comércio de emissões” e “implementação conjunta”¹⁵:

Fonte: GGA, 2006, p. 33

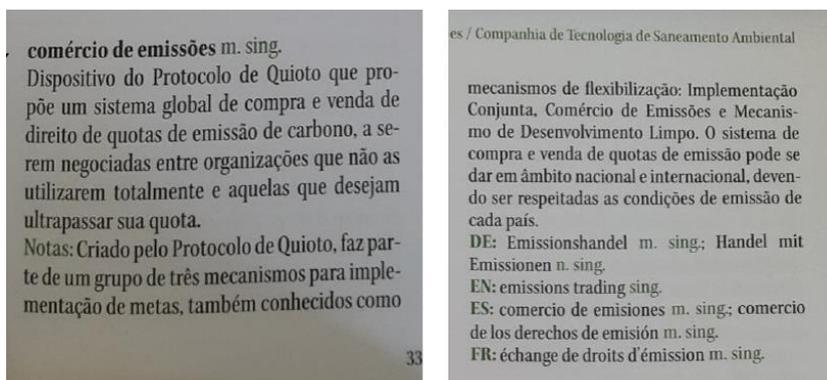


Figura 1: Verbetes relativos ao termo “Comércio de emissões” (GGA)

Fonte: GGA, 2006, p. 33

¹³ Para maiores informações, consultar também BEVILACQUA e REUILLARD (2006).

¹⁴ “[...] com o cuidado de uma posterior avaliação por parte dos especialistas que nos assessoraram” (GGA, 2006, p. 9).

¹⁵ Escolhidos pelo fato de estarem entre aqueles verbetes presentes também nos outros dois glossários.

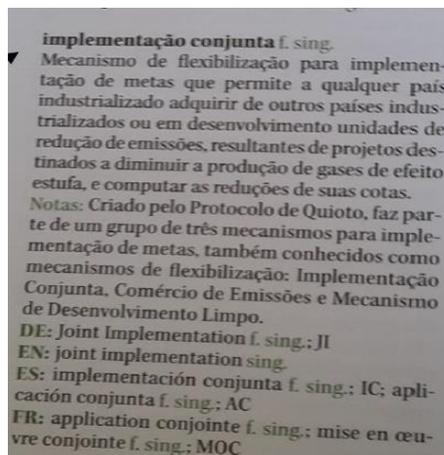


Figura 2 – Verbetes relativos ao termo “Implementação conjunta” (GGA)

Os verbetes trazem informações sistemáticas, isto é, entrada em português, informação sobre gênero e número, definição e equivalentes nas línguas estrangeiras com gênero e número, e informações não sistemáticas, ou seja, fonte da definição, notas, outras denominações (em português e nas línguas estrangeiras), nota complementar, remissiva e especificação no caso de tradução livre. Nas primeiras oitenta páginas do glossário, aparecem todos os termos em português, estruturados da mesma forma dos verbetes acima; depois, seguem outras quatro partes, correspondentes à lista de todos os termos presentes na primeira parte, mas divididos de acordo com as línguas de referência, dando origem, assim, aos Glossários Alemão-Português, Inglês-Português, Espanhol-Português e Francês-Português. A utilidade desse tipo de estrutura e os benefícios que os intérpretes obteriam com um Glossário como esse serão tratados na seção 4.

3.2 *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas (LPMC)*

O *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas* (2010), doravante ‘LPMC’, foi realizado pela *Realiter* sob a coordenação do Departamento de Tradução do Governo do Canadá. O assunto do glossário são as mudanças climáticas e todos os aspectos relacionados a ela como agentes, mecanismos, consequências, entre outros. Conforme afirmado no Prefácio em português da obra (LPMC, 2010), os mais de 300 termos presentes no Glossário foram estabelecidos antes em inglês e em francês, e depois nas outras línguas, isto é, catalão, espanhol, galego, italiano, português e romeno. Instituições e pesquisadores de terminologia de cada país ficaram responsáveis pelos equivalentes nas suas línguas: no caso do Brasil, observam-se os nomes de Enilde Faulstich e de sua colaboradora Bruna Elisa da Costa, do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (LEXTERM) da Universidade de Brasília.

É oportuno ressaltar que os responsáveis por esses glossários, que vão das pneumopatias profissionais/ocupacionais ao marketing econômico e à bicicleta¹⁶, não são sempre os mesmos, mudando conforme os anos e os tópicos dos glossários, e que trabalham gratuitamente, em prol do multilinguismo. De fato, entre os objetivos da *Realiter* está a intenção de “implementar trabalhos terminológicos conjuntos e multilíngues em áreas de interesse comum” e de “favorecer a formação recíproca, por meio de permutas de formadores, peritos e estudantes, assim como de materiais

¹⁶ Para uma lista completa dos glossários publicados, e para o download dessas obras, consultar a página: <http://www.realiter.net/lessici-realiter?lang=pt>.

didáticos” (LPMC, 2010, Prefácio). Entre os formadores, peritos e estudantes encontram-se, obviamente, também os tradutores e os intérpretes que poderiam usar esses Glossários para fins de seu trabalho e preparação.

Pelo que é possível observar da macro- e da microestrutura da obra, aparece uma parcial filiação à socioterminologia, proposta por Gaudin nos anos 90 e tendo o Québec como forte centro de referência. “O reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas” (KRIEGER, FINATTO, 2004, p. 35) é o eixo central dessa abordagem teórica. No Brasil, Enilde Faulstich, que é, aliás, umas das responsáveis pela seção do LPMC em português brasileiro, agregou princípios etnográficos à socioterminologia tradicional, advogando que essa última precisa levar em consideração as características “da instituição em que a terminologia é gerada, [...] as características do pessoal, [...] a competência e os usos linguísticos e o registro de variação linguística” (FAULSTICH, 1995, p. 8). Porém, conforme pode ser observado abaixo, a variação aparece somente enquanto variação denominativa e/ou variação geográfica (português do Portugal e português do Brasil), o que não atende completamente aos princípios da socioterminologia, segundo a qual o especialista deveria incluir “os termos e as variantes nas dimensões oral e escrita, as ocorrências dos termos na estratificação vertical e horizontal da língua, a interação entre usuários de terminologias [bem como] a dimensão discursiva do termo” (FAULSTICH, 1995, p. 4). Seguem exemplos de dois verbetes relativos aos mesmos termos observados no glossário anterior:

Fonte: LPMC, 2010, p. 10-11

<p> <i>glg</i> clorofluorocarburo (n.m.) <i>glg</i> CFC (n.m.) <i>ita</i> clorofluorocarbunio (s.m.) <i>ita</i> clorofluorocarburo (s.m.) <i>ron</i> clorofluorocarbon (n.a.) <i>ron</i> CFC (n.a.) <i>eng</i> <i>chlorofluorocarbon</i> </p> <p>10</p>	<p> comércio de direitos de emissão (n.m.) [PT] <i>por</i> comércio de quotas de emissão (n.m.) [PT] <i>por</i> comércio de emissões (n.m.) [PT] <i>por</i> mercado de emissão (n.m.) [BRA] <i>cat</i> comerç d'emissions (n.m.) <i>cat</i> comerç de dreus d'emissió (n.m.) <i>esp</i> comercio de emision (n.m.) [ES] <i>esp</i> comercio de derechos de emision (n.m.) [ES] </p>
<p>Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas</p>	
<p> <i>esp</i> comercio de emision: (n.m.) [MEX] <i>esp</i> comercio de derechos de emision: (n.m.) [MEX] <i>esp</i> comercio de cuotas de emision (n.m.) [MEX] <i>fra</i> échange de droits d'émission (n.m.) <i>fra</i> échange de quotas d'émission (n.m.) <i>glg</i> comercio de derechos de emision (n.m.) <i>ita</i> scambio di quote di emisione (s.m.) <i>ron</i> schimb de drepturi de emisie (n.a.) <i>eng</i> <i>emissions trading</i> </p> <p> comércio de emissões (n.m.) [PT] ⇒ <i>comércio de direitos de emissão (n.m.) [PT]</i> </p> <p> comércio de quotas de emissão (n.m.) [PT] ⇒ <i>comércio de direitos de emissão (n.m.) [PT]</i> </p>	<p> <i>glg</i> condensación (n.f.) <i>ita</i> condensazione (s.f.) <i>ron</i> condensare (n.f.) <i>ron</i> condensatie (n.f.) <i>eng</i> <i>condensation</i> </p> <p> conimetro (n.m.) [BRA] ⇒ <i>contador de Kern (n.m.) [PT]</i> </p> <p> constante das marés (n.m.) [PT] <i>por</i> coeficiente das marés (n.m.) [BRA] <i>cat</i> coeficient de marea (n.m.) <i>esp</i> coeficiente de marea (n.m.) [ES] <i>esp</i> constante de la marea (n.f.) [MEX] <i>fra</i> constante de la marée (n.f.) <i>glg</i> constante de marea (n.f.) <i>ita</i> costante di marea (s.f.) <i>ron</i> constantă mareică (n.f.) </p>

Figura 3 – Verbetes relativos ao termo “Comércio de emissões” (LPMC)

Fonte: LPMC, 2010, p. 3

<p>por anaeróbio (adj.) [BRA] cat anaerobi (adj.) esp anaerobio -bia (adj.) [ES] esp anaerobio (adj.) [MEX] esp anaeróbico (adj.) [MEX] fra anaérobic (adj.) glg anaeróbico (adx.) ita anaerobio (agg.) ron anaerob (adj.) ron anaerobiotic (adj.)</p> <p>eng anaerobic (adj.)</p> <p>anaeróbio (adj.) [BRA] ⇒ anaeróbico (adj.)</p>	<p>aplicação conjunta (n.f.) [PT]</p> <p>por implementação conjunta (n.f.) cat aplicació conjunta (n.f.) esp aplicación conjunta (n.f.) [ES] esp implementaci3n conjunta (n.f.) [MEX] fra application conjointe (n.f.) glg aplicaci3n conxunta (n.f.) ita joint implementation (s.f.) ita implementazione congiunta (s.f.) ron implementare conjunctă (n.f.) ron aplicatie conjunctă (n.f.)</p> <p>eng joint implementation eng JI</p>
--	---

Figura 4 – Verbetes relativo ao termo “Aplicação conjunta” (LPMC)

As informações sistemáticas dos verbetes são: entrada na língua de partida, classe morfológica e gênero, variante geográfica e equivalentes nas línguas estrangeiras com relativa classe morfológica e gênero; a única não sistemática parece ser a variante denominativa, indicada por uma seta como o caso, na Figura 3, de “comércio de emissões” e de “comércio de quotas de emissão”, registrados como variantes denominativas de “comércio de direitos de emissão” cuja variante geográfica brasileira é “mercado de emissão”, em contraste com o termo “comércio de emissões” proposto pelo GGA.

3.3 Climate Change: Key Terms in 23 languages (CCKT)

O glossário intitulado *Climate Change: Key Terms in 23 languages* (2011), produzido pelo Secretariado-Geral do Conselho da União Europeia em colaboração com a Direção da Tradução, apresenta cerca de 20 termos em inglês e seus equivalentes em 23 línguas da União Europeia¹⁷ que são: Alemão, Búlgaro, Checo, Dinamarquês, Eslovaco, Esloveno, Espanhol, Estoniano, Finlandês, Francês, Grego, Húngaro, Inglês, Irlandês, Italiano, Letão, Lituano, Maltês, Neerlandês, Polaco, Português, Romeno e Sueco. Trata-se, pelo número de termos incluídos, de uma obra bem mais limitada se comparada com os outros dois glossários. Assim como o LPMC, o CCKT está disponível *online* para *download* gratuito em formato PDF.

Em sua introdução, explica-se que, devido à relevância atual de um assunto como as mudanças climáticas, os textos relativos a tal temática devem usar termos uniformes e adequados às novas descobertas científicas e aos tratados estipulados. O glossário se dirige explicitamente aos tradutores, os quais precisam traduzir esses termos em todas as línguas oficiais da União Europeia, e aos cidadãos que “simplesmente querem alcançar um melhor conhecimento do que escutam e leem em uma língua que não é a própria língua-mãe” (CCKT, 2011, p. 5, trad. nossa)¹⁸. Na parte final do glossário, relata-se que os termos são extraídos do banco de dados

¹⁷ A ausência da língua croata, atualmente a 24ª língua oficial da União Europeia, é devida ao fato de que, em 2011, quando da elaboração deste glossário, a Croácia ainda não fazia oficialmente parte dos países da União Europeia.

¹⁸ Do inglês: “who simply want to have a better understanding of what they hear and read in a language which is not their mother tongue”.

terminológico da União Europeia (IATE), o *corpus* do glossário estando composto, assim, pelos textos oficiais que circulam nos organismos que fazem parte da mencionada instituição.

Devido à composição da obra e aos princípios explicitados em sua introdução, parece clara sua filiação à TGT, perspectiva normativa tradicional proposta por Wüster a partir dos anos 30, cujo objetivo principal era “padronizar os léxicos especializados para favorecer a eficácia das comunicações científicas e técnicas em plano internacional” (KRIEGER, FINATTO, 2004, p. 32). Uma perspectiva desse tipo:

Produz um glossário que traz apenas os termos considerados corretos de uma dada especialidade ou campo de conhecimento. Essa correção é arbitrada por uma comunidade sócio-profissional com força de representação e de autoridade. Sinónimas, variações e designações alternativas, se registradas, serão marcadas como indesejáveis ou a evitar (FINATTO, 2014, p. 445).

Essa afirmação reflete bem o tipo de estrutura e o propósito de uma obra como o CCKT, cuja preocupação principal parece ser uniformizar os termos principais utilizados na área das mudanças climáticas e não a de mostrar variantes e fontes diferenciadas. Seguem os dois exemplos de verbetes:

Fonte: CCKT, 2011, p. 30-31

<p>EN Joint Implementation (JI)</p> <p><i>Mechanism defined in Article 6 of the Kyoto Protocol, which allows a country with an emission reduction or limitation commitment under the Kyoto Protocol (Annex B Party) to earn emission reduction units from an emission reduction or emission removal project in another Annex B Party, each equivalent to one tonne of carbon dioxide, which can be counted towards meeting its Kyoto target.</i></p>	
<p>BG съвместно изпълнение</p> <p>CS společně provádění</p> <p>DA fælles gennemførelse</p> <p>DE Gemeinsame Umsetzung</p> <p>EL από κοινού εφαρμογή</p> <p>ES aplicación conjunta</p> <p>ET ühisrakendus</p> <p>FI yhteistoteutus</p> <p>FR mise en œuvre conjointe</p> <p>GA cur chun feidhme ar bhonn comhpháirteach</p>	<p>HU együttes végrehajtás</p> <p>IT attuazione congiunta</p> <p>LT bendras įgyvendinimas</p> <p>LV kopīga īstenošana</p> <p>MT implementazzjoni kongunta</p> <p>NL gezamenlijke uitvoering</p> <p>PL mechanizm wspólnego wdrożenia</p> <p>PT Implementação Conjunta</p> <p>RO implementare în comun</p> <p>SK spoločné plnenie</p> <p>SL skupno izvajanje</p> <p>SV gemensamt genomförande</p>

Figura 5 – Verbetes relativo ao termo “Emissions trading” (CCKT)

Fonte: CCKT, 2011, p. 40-41

EN	emissions trading <i>A market-based approach to achieving environmental objectives that allows those reducing e.g. greenhouse gas emissions below what is required to use or trade the excess reductions to offset emissions at another source inside or outside the country.</i>
BG	търговия с квоти за емисии търговия с емисии
CS	obchodování s emisemi
DA	emissionshandel
DE	Emissionszertifikatehandel
EL	εμπορία δικαιωμάτων εκπομπών
ES	comercio de derechos de emisión
ET	heitkogustega kauplemine
FI	päästökauppa
FR	échange de droits d'émission
GA	trádáil astaíochtaí
IT	scambio di quote di emissione
LT	prekyba apyvartiniais taršos leidimais
LV	emisiju tirdzniecība
MT	skambju ta' kwoti tal-emissjonijiet
NL	emissiehandel
PL	handel uprawnieniami do emisji
PT	comércio de emissões comércio de licenças de emissão
RO	comercializare a certificatelor de emisii
SK	obchodovanie s emisiami
SL	trgovanje z emisijami
SV	handel med utsläppsrätter

Figura 6 – Verbete relativo ao termo ‘Joint Implementation’ (CCKT)

As informações sistemáticas no glossário são: entrada em inglês, definição em inglês e equivalentes nas 22 línguas. A única informação não sistemática encontrada ao longo da obra é a variação que se supõe ser denominativa e não geográfica (considerando que o português brasileiro não faz parte das línguas oficiais da UE), como no caso do primeiro verbete referente a “emissions trading”, para o qual corresponde em português tanto “comércio de emissões” quanto “comércio de licenças de emissão”.

4. Quais perspectivas teóricas e produtos para o intérprete?

Após ter comentado a macroestrutura geral e observado as amostras referentes aos três glossários acima citados, é importante resumir as principais diferenças e semelhanças entre os três:

Tabela 1 – Comparação das características dos três dicionários

O dicionário:	GGA (2006)	LPMC (2010)	CCKT (2011)
1 Apresenta as definições dos termos	Sim	Não	Sim
2 Possui um número significativo de verbetes	Sim (aprox. 500)	Sim (aprox. 300)	Não (aprox. 20)
3 Oferece informações sobre a classe morfológica	Não	Sim	Não
4 Apresenta indicações de variação	Sim	Sim (parcialm.)	Sim (parcialm.)
5 Relata acuradamente as fontes e os	Sim	Não	Não

	critérios de seleção dos termos			
6	Inclui informações complementares sobre o termo (“notas”), bem como observações complementares no que diz respeito às eventuais diferenças entre o termo em português e seus equivalentes nas línguas estrangeiras	Sim	Não	Não
7	Está composto por glossários com direção inversa, isto é, de e para cada língua incluída na obra	Sim	Sim	Não
8	Está disponível gratuitamente <i>online</i> em formato PDF	Não	Sim	Sim

Tentando relacionar essas oito peculiaridades com o trabalho de preparação dos intérpretes explicitado na seção 2.2, e com a eventual situação de um intérprete brasileiro que precisa se preparar para um evento sobre meio ambiente e mudanças climáticas na combinação português-inglês, é possível afirmar que o primeiro, o *Glossário de Gestão Ambiental* (2006), poderia se adaptar para as necessidades desses profissionais e servir como uma boa fonte de estudo e preparação, ao passo que o segundo, o *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas*, parece mais adequado para as necessidades dos tradutores ou para eventual consulta em cabine por parte de um intérprete; o terceiro, ao contrário, parece adequado somente para tradutores e principalmente para aqueles atuando na União Europeia.

Essas afirmações repousam nas seguintes razões teórico-práticas: diferentemente dos intérpretes, os tradutores geralmente não precisam adquirir uma preparação temática/enciclopédica antes de realizar suas traduções, mas, sobretudo, não precisam fazê-lo com a mesma rapidez dos intérpretes, os quais têm pouco tempo à disposição para se preparar sobre um vasto assunto. Por isso, um glossário como o LPMC seria suficiente para as buscas terminológicas pontuais dos tradutores, tendo eventualmente tempo de consultar outras fontes já que “os tradutores preferem geralmente consultar definições e contextos múltiplos com vistas a encontrar a melhor solução para o problema tradutório” (CORPAS PASTOR, COSTA, DURÁN MUÑOZ, 2014, p. 2, trad. nossa)¹⁹. Ao contrário, os intérpretes não teriam o tempo para consultar várias definições e contextos, e é por isso que eles devem armazenar e encontrar as informações em fontes confiáveis de forma rápida e concisa.

O GGA representa um ótimo exemplo de confiabilidade das fontes com informações complementares sobre contextos e particularidades dos termos disponíveis em um único produto terminográfico e, sobretudo, com uma definição que pode auxiliar os intérpretes a construir uma competência enciclopédica sobre o assunto. Um glossário como o segundo, o LPMC, já não seria muito eficiente para as necessidades dos intérpretes, uma vez que a preocupação desses profissionais não é só a busca do equivalente na outra língua, mas também obter uma definição ampla daquele termo e saber em qual contexto está inserido. O trabalho dos intérpretes, muito baseado na antecipação do que será proferido pelo palestrante/cliente, não pode prescindir do

¹⁹ Do inglês: “translators usually prefer to consult multiple definitions and contexts to find the best solution for the translation problem”.

estudo geral do tema e de todas as temáticas que lhe são afins. De fato, graças às notas presentes no primeiro glossário, o intérprete poderia aprender, de forma rápida e precisa, que tanto o “comércio de emissões” quanto a “implementação conjunta” são mecanismos criados pelo Protocolo de Quioto, fazendo parte de um grupo de três mecanismos para implementação de metas, etc. O terceiro glossário é interessante por apresentar as definições, mas estaria excluído da preparação de um intérprete (brasileiro) pela falta das variantes em português brasileiro, pelo número limitado de termos e pela ausência de um glossário que contenha os mesmos termos também a partir do português e não só a partir do inglês, como é o caso do primeiro e do segundo glossário aqui em análise.

Portanto, após essas considerações, é possível concluir que o GGA é o glossário que mais se aproximaria das necessidades terminológicas dos intérpretes em sua fase de preparação. A desvantagem é que ele seria dificilmente usado em cabine por ser impresso, ao contrário do segundo que, por exemplo, já se encontra em PDF e, através do sistema de busca, permitiria ao intérprete pesquisar e encontrar, por exemplo, o equivalente de um termo de forma rápida. Todavia, calculando que a fase de preparação representa provavelmente 90-95% do trabalho do intérprete em termos de estudo e busca dos termos e de seus equivalentes, o GGA tem certamente mais vantagens do que desvantagens para esse profissional. As perspectivas teóricas da TCT combinadas com aquelas textuais (PTT), que parecem estar impregnadas no primeiro glossário, resultam ser também as melhores diretrizes para a elaboração de produtos terminográficos dirigidos para intérpretes. De fato, se compararmos glossários produzidos com base nestas perspectivas com as indicações da pesquisadora Valentini (2002) sobre o que uma ficha terminológica pensada para as necessidades dos intérpretes deveria conter, fica evidente que existem muitos elementos em comum:

- O termo na língua de partida e de chegada;
- A definição do termo;
- O equivalente na língua de chegada;
- O contexto de uso que fornece informações sobre o nível de formalidade do termo e sobre o registro;
- A pronúncia;
- A ilustração;
- A denominação grega ou latina que fornece informações sobre a etimologia do termo;
- As informações gramaticais;
- A variante ortográfica (siglas, acrônimos, abreviações);
- Os sinônimos (VALENTINI, 2002, p. 6, trad. nossa)²⁰.

Obviamente, Valentini (2002) afirma que categorias como a denominação grega/latina ou a ilustração nem sempre são importantes dependendo da área de especialização. A primeira pode ser importante para assuntos como a biologia e a química, enquanto que a segunda, a ilustração, pode ser fundamental no caso de áreas como a mecânica ou a medicina. Portanto, se excluíssemos essas duas categorias, a única categoria geralmente não prevista por esses tipos de glossários terminológicos

²⁰ Do italiano: “-Il termine nella lingua di partenza o entrata principale; – La definizione dell’entrata principale; – L’equivalente nella lingua di arrivo; – Il contesto d’uso che fornisce informazioni riguardo al livello di formalità del termine ed al registro; – La pronuncia; – L’illustrazione; – La denominazione greca o latina che fornisce informazioni riguardo all’etimologia del termine; – Le informazioni grammaticali; – La variante ortografica (sigle, acronimi, abbreviazioni); – I sinonimi”.

guiados pelas perspectivas teóricas mencionadas seria a pronúncia. Essa é uma categoria importante para os intérpretes que trabalham com a língua oral, mas é também oportuno reconhecer que é raríssimo encontrar produtos terminográficos que incluam esse tipo de informação, pelo fato de dirigirem-se sobretudo a profissionais que trabalham com a língua escrita.

5. Considerações finais

Esse artigo, necessário no cenário acadêmico-profissional brasileiro atual, teve o objetivo de distinguir a prática dos tradutores da dos intérpretes e as consequentes diferentes necessidades terminológicas que caracterizam a atividade desses dois profissionais. O estudo e a gestão de terminologia são muito importantes em seu trabalho, uma vez que devem quotidianamente lidar com a comunicação especializada presente nos textos escritos e orais que eles devem transpor de uma língua para outra. Sua abordagem à terminologia é, contudo, bastante diferente: os tradutores lidam com ela durante e depois da recepção do texto a ser traduzido, ao passo que os intérpretes devem fazê-lo principalmente antes, tentando antecipar o conjunto terminológico/léxico que será utilizado pelo palestrante/cliente. Durante a interpretação é praticamente impossível, por questões de tempo e lugar, consultar manuais e glossários, a não ser para buscas rápidas e pontuais.

Após ter identificado as diferentes necessidades terminológicas dos tradutores e dos intérpretes, a segunda parte deste trabalho focou na análise de três produtos terminográficos multilíngues sobre meio ambiente, o *Glossário de Gestão Ambiental* (GGA, 2006), o *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas* (LPMC, 2010) e o *Climate Change: Key terms in 23 languages* (CCKT, 2011), produzidos em contextos geográficos e acadêmico-profissionais diferentes, além de serem guiados por perspectivas teóricas distintas. Suas macro- e microestruturas foram observadas, bem como seus públicos-alvo e propostas. Na terceira e última parte deste estudo, sua eventual utilidade para intérpretes foi avaliada com base nas diferenças precedentemente estabelecidas entre o trabalho dos intérpretes e o dos tradutores.

Esse estudo preliminar apontou que glossários concebidos para tradutores nem sempre estão adequados às necessidades dos intérpretes, o que consolida a importância de que essas duas categorias de profissionais sejam consideradas de forma distinta. Segundo a análise aqui apresentada, é possível afirmar que somente o primeiro glossário (GGA), por todo o cuidado mostrado na inserção de definições abrangentes, notas e variantes, poderia ser utilizado por intérpretes como um recurso precioso em sua fase de preparação para um evento sobre meio ambiente e mudanças climáticas. Mais estudos serão necessários para avaliar, com investigações de campo, as diferentes necessidades terminológicas (e lexicográficas) dos dois profissionais em questão, sua extração terminológica e gestão de terminologia, bem como seria interessante analisar as peculiaridades de cada fase do trabalho de interpretação (antes, durante e depois) e o impacto que uma ótima preparação terminológica tem sobre a qualidade do texto interpretado.

REFERÊNCIAS

- ALVISI, Regina. *Interpretazione e terminologia: la preparazione terminologica come fattore di qualità*. 2008. Dissertação (Mestrado em Interpretação de Conferências) – SSLMIT – Università di Bologna, Forlì, Itália.
- BAJO, M. Teresa; DÍAZ-GALAZ, Stephanie; PADILLA, Presentacion. The role of advance preparation in simultaneous interpreting: A comparison of professional interpreters and interpreting students. *Interpreting*, v. 17, n.1, p.1-25, 2015.
- BERTACCINI, Franco; VERONESI, Elisa. La terminologia come supporto all'interpretazione. In: *Formação em Terminologia: Da Investigação em Comunicação Multilíngue às Competências para o Exercício Profissional – Realiter*, 2010, Faro. *Anais*. Faro: Universidade do Algarve, 2010. Disponível em: <<http://www.realiter.net/le-giornate/giornata-formazione-in-terminologia-dalla-ricercain-comunicazione-multilingue-alle-competenze-per-lesercizio-dellaprofessione?lang=pt>>. Acesso em: 03 jul. 2014.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Glossário de Gestão Ambiental: Questões de Corpora e Equivalência. In: *X Simposio Iberoamericano de Terminologia*, 2006, Montevideo. X Simposio Iberoamericano de Terminologia - Ponencias resúmenes.
- BILGEN, Baris. *Investigating Terminology Management for Conference Interpreters*. 2009. Dissertação (Mestrado em Translation Studies). University of Ottawa, ON, Canada.
- CABRÉ, Maria Teresa. Éléments pour une théorie de la terminologie. In : *TIA97, II Rencontres Terminologies et intelligences artificielles*. Université Toulouse-le-Mirail, abr. 1997.
- CAVALLO, Patrizia. A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues. *TradTerm*, São Paulo, v. 25, p. 61-81, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/103054/101337>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Estudos da Interpretação: Tendências da Pesquisa Brasileira. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 32, n. 1, jan/jun 2016, 353-368. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33199/18704>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CORPAS PASTOR, Gloria; COSTA, Hernani; DURÁN MUÑOZ, Isabel. A comparative User Evaluation of Terminology Management Tools for Interpreters. In: *Proceedings of the 4th International Workshop on Computational Terminology*, 2014, Dublin. *Anais*. Dublin, 23 ago. 2014. p. 68–76. Disponível em: <<http://www.aclweb.org/anthology/W14-4809>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- DURÁN MUÑOZ, Isabel. Meeting translators' needs: translation-oriented terminological management and applications. *The Journal of Specialised Translation*, University of Malaga, v. 18, p. 77-92, jul. 2012. Disponível em: <http://www.jostrans.org/issue18/art_duran.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- FAULSTICH, Eneide. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, p.281-298, set./dez. 1995.
- FINATTO, Maria José Bocorny. Orientações para a terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica. In: ISQUERDO, Aparecida N.; CORNO, Giselle Olívia M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 439-457.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 341-357.

GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

_____. La terminotique en interprétation de conférence : un potentiel à exploiter.

Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal, v. 32, n. 2, 1987.

Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1987/v32/n2/002904ar.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

GILE, Daniel. Le partage de l'attention et le 'Modèle d'efforts' en interprétation simultanée. *The Interpreters' Newsletter*, n. 1, p. 4-22, 1988. Disponível em: <www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/2132/1/02.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2013.

_____. Le travail terminologique en interprétation de conférence, *Multilingua*, v. 5, n. 1, p. 31-36, 1986.

_____. Les termes techniques en interprétation simultanée. *Méta: journal des traducteurs/ Meta: Translators' Journal*, v. 30, n. 3, p. 199-210, 1985. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1985/v30/n3/002891ar.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. Local cognitive load in simultaneous interpreting and its implications for empirical research. *Forum*, v. 6, n. 2, p. 59-77, 2008. Disponível em: <www.cirinandgile.com/2008%20Local%20Analysis%20Forum.doc>. Acesso em: 10 out. 2013.

GRAN, L. L'interpretazione simultanea: premesse di neurolinguistica. In: FALBO, C.; RUSSO, M.; STRANIERO SERGIO, F. *Interpretazione simultanea e consecutiva*. Problemi teorici e metodologie didattiche. Milano: Hoepli, 1999. p. 207-227.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KURZ, Ingrid. Conference Interpreting: Quality in the Ears of the User. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 46, n. 2, p. 394-409, 2001. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/META/2001/v46/n2/003364ar.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

MOSER-MERCER, Barbara. Banking on terminology. Conference interpreters in the electronic age. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 37, n. 3, p. 507-522, 1992. Disponível em:

<<http://www.erudit.org/revue/meta/1992/v37/n3/003634ar.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

NEJM, Carla Cynira Lima. *Interpretação simultânea: a linguística de Corpus na preparação do intérprete*. 2011. 205f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas, USP, São Paulo, SP.

PACTE. Investigating Translation Competence: Conceptual and Methodological Issues. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 2, p. 609-619, 2005. Disponível em: <<https://www.erudit.org/revue/meta/2005/v50/n2/011004ar.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PAGURA, Reynaldo José. *A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*. 2010. 231f. Tese (Doutorado

em Estudos Linguísticos e Literários do Inglês) – Departamento de Letras Modernas, USP, São Paulo, SP.

RODRÍGUEZ, Nadia; SCHNELL, Bettina. A Look at Terminology Adapted to the Requirements of Interpretation. In: BUREAU de la traduction, Canadá, 2009.

Disponível em: <http://www.btb.termiuplus.gc.ca/tpv2guides/guides/favart/indexfra.html?lang=fra&letr=indx_titls&page=9oHAHvmFzkgE.html>. Acesso em: 05 jul. 2014.

SEEBER, Kilian G. Cognitive load in simultaneous interpreting. Existing theories – new models. *Interpreting*, v. 13, n. 2, p. 176-204, 2011. Disponível em: <www.kilianseeber.ch/research/p-bl-kashns_files/Seeber,%20K.G.%20%282011%29.Cognitive%20load%20in%20simultaneous%20interpreting_existing%20theories-new%20models.pdf>.

Acesso em: 20 nov. 2013.

TERMISUL. [2017?]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/termisul/termisul/>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

TIMAROVÁ, Šárka. Working Memory and Simultaneous Interpreting. In: BOULOGNE, P. (ed.). *Translation and Its Others*. Selected Papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies 2007, 2008, p. 1-28. Disponível em: <www.arts.kuleuven.be/cetra/papers/files/timarova.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

VALENTINI, Cristina. Uso del computer in cabina di interpretazione. Inchiesta sui bisogni terminologici degli interpreti prima e durante la simultanea. In: AIIC. 2002.

Disponível em: <<http://aiic.net/page/656/uso-delcomputerin-cabina-de-interpretazione/lang/72>>. Acesso em: 20 set. 2014.

VEISBERGS, Andrejs. Dictionaries and Interpreters. In: EURALEX proceedings, 2006. p. 1219-1224. Disponível em:

<http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2006/146_2006_V2_Andrejs%20VEISBERGS_Dictionaries%20and%20Interpreters.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2014.

Glossários citados

CCKT (2011). GENERAL secretariat of the council (Org.). *Climate Change*. Key terms in 23 languages. Disponível em:

<http://ec.europa.eu/clima/publications/docs/terms_en.pdf>. Bélgica: European Union, 2011.

GGA (2006). KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria B.; BEVILACQUA, Cleci R.; FINATTO, Maria José B.; REUILLARD, Patrícia Chittoni R. *Glossário de Gestão Ambiental*. São Paulo: Disal, 2006.

LPMC (2010). REALITER; BUREAU de la Traduction (Org.) *Léxico Panlatino de Mudanças Climáticas*. Canadá. Disponível em: <<http://www.realiter.net/wpcontent/uploads/2013/06/pan-climat.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.